

A VARIAÇÃO ENTRE DITONGO CRESCENTE E HIATO EM PORTO ALEGRE (RS)

Taise Simioni*

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a variação entre ditongo crescente e hiato em português brasileiro. Para tanto, foram analisadas 24 entrevistas de falantes de Porto Alegre (RS). Uma análise estatística permitiu verificar a influência de variáveis lingüísticas e extralingüísticas na realização do fenômeno em análise. Destaca-se a variável "configuração prosódica", primeira a ser selecionada pelo programa de análise estatística.

Palavras-chave: Ditongo crescente; hiato; variação.

INTRODUÇÃO

■ **N**a literatura referente ao ditongo crescente em relação ao português brasileiro, parece haver um consenso sobre a variação livre entre este e o hiato. Por esse motivo, os autores não se estendem muito na análise destinada ao glide pré-vocálico. Para Câmara Jr. (2001)¹, o único ditongo crescente fonológico é aquele composto por consoante velar (/g/ ou /k/) seguida do glide posterior, como em *guarda* e *quadro*. Com relação aos demais ditongos crescentes, o autor limita-se a afirmar que há variação livre entre eles e um hiato, como mostram os exemplos [su.a[•]] e [swa[•]], para *suar*, isto é, eles não são capazes de estabelecer uma oposição distintiva.

Lopez (1979) afirma que há variação livre entre o ditongo crescente e uma seqüência de duas vogais. Segundo a autora, sempre há a possibilidade de que vogais altas não acentuadas tornem-se glides quando sucedidas por outra vo-

* Doutoranda em Teoria e Análise Lingüística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 Trata-se de *Estrutura da língua portuguesa*, cuja primeira edição é de 1970.

gal, não importando a altura dessa segunda vogal, nem se ela é acentuada ou não. Além disso, Lopez explica que vogais médias não acentuadas podem sofrer elevação diante de outra vogal (como em *voar* ~ $v[u]ar$ ~ $v[w]ar$) – o que significa que os glides se alternam tanto com vogais altas como com vogais médias.

Segundo Bisol (1999), a formação do ditongo crescente é um processo pós-lexical. Na representação subjacente, temos uma seqüência de vogais, em que a primeira é uma vogal alta. Essa estrutura assim se mantém até o fim do nível lexical. No pós-léxico, a vogal alta pode tornar-se um glide e associar-se ao ataque da sílaba, dando origem ao ditongo crescente. O ditongo crescente e o hiato, portanto, encontram-se em variação livre na realização dessa seqüência de vogais. Como Bisol, adotamos a idéia de que não há glides na representação subjacente, embora não nos comprometamos com o referencial teórico da fonologia lexical.

Como destaca Bisol (1999), há ditongos crescentes que não se alternam com hiato. Trata-se das seqüências *kw* e *gw* seguidas por /a/ ou /o/, como em *água* e *quociente*. A autora apresenta duas análises possíveis para tais seqüências. Na primeira, teríamos um ditongo lexicalizado, isto é, o ditongo crescente já estaria na representação subjacente, em função de que é pequeno o número de formas a serem listadas no léxico profundo. Na segunda proposta, a preferida pela autora, *kw* e *gw*, quando seguidos por /a/ ou /o/, e somente nesses casos, seriam registrados no léxico profundo como uma consoante complexa em que a articulação primária é dorsal, e a secundária, labial. Neste trabalho, adotamos a segunda proposta, embora não pretendamos trazer aqui argumentos favoráveis a ela.

No presente trabalho temos como objetivo verificar se essa variação é condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos. Para tanto, analisamos dados de 24 falantes de Porto Alegre (RS), que foram coletados no banco de dados do projeto Variação Lingüística Urbana no Sul do País (Varsul). Após a oitiva dos dados, eles foram codificados de acordo com as variáveis descritas a seguir e submetidos ao pacote de programas Varbrul (cf. BAYLEY, 2002). As variáveis analisadas e os resultados obtidos são objeto das próximas seções.

DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS

A variável dependente considerada para este trabalho é a realização de dois segmentos vocálicos contíguos como ditongo crescente ou hiato. Consideramos como aplicação a realização dos segmentos na forma de ditongo crescente e, como não-aplicação, a realização em forma de hiato.

Com relação às variáveis independentes extralingüísticas, estas são:

- *idade* (os informantes estão divididos entre os que têm menos de cinquenta anos e os que têm mais de cinquenta anos de idade);
- *sexo* (masculino e feminino);
- *escolaridade* (correspondendo a três níveis: séries iniciais do ensino fundamental, séries finais do ensino fundamental e ensino médio).

Não temos hipóteses no que diz respeito à atuação dessas variáveis extralingüísticas no fenômeno sob análise. Mantivemos a estratificação adotada pelo projeto Varsul; entretanto, é sempre importante verificar a possível atuação de tais variáveis quando se analisa um processo variável.

As variáveis independentes lingüísticas são as seguintes:

1. *classe do vocábulo*: substantivo (*pessoal*), verbo (*incluiram*), forma nominal do verbo (*construído*) e outra classe (*atual*);
2. *seqüência de segmentos vocálicos*: io (*piolho*), ia (*criança*), ie (*viemos*), iu (*ciúmes*), eo (*campeonato*), ea (*realista*), uo (*suor*), ua (*situação*), ue (*influência*), ui (*poluição*), oe (*poesia*), oa (*enjoava*) e eu (*reunião*)²;
3. *ataque de sílaba 1*: sem ataque (*oeste*), oclusiva (*ambiente*), fricativa (*viagem*), nasal (*continuação*), líquida (*interior*) e líquida em ataque complexo (*industrial*);
4. *coda de sílaba 2*: sem coda (*teatro*) e com coda (*aliás*);
5. *velocidade da fala*: normal e acelerada;
6. *configuração prosódica*: CVV∇(*criar*), CVV∇CV(CV) (*doente*), CVVCV∇(CV)(CV) (*viajei*), CVCVV∇CV(CV) (*chuleando*), CVCVV∇(*social*), CVVCV CV∇(CV) (*realidade*), CVCVCVV∇(*material*), CVCVCVV∇CV(CV) (*deficiência*), CVCVCVCVV∇(*existencial*), CVCVCVCVV∇CV (*intermediária*), CVCVVCV∇(CV) (*vereadores*), CVCVCVVCV∇(CV) (*policiamento*) e CVC VVCVCV∇(CV) (*recreacionista*).

Com relação à variável *seqüência de segmentos vocálicos*, tais seqüências são consideradas quando estão em posição pré-tônica ou tônica, como em *vio-lento* e *pessoal*. Não são consideradas as ocorrências em posição pós-tônica, como em *petróleo*, porque nossas observações sobre o português nos fazem crer que a realização com ditongo é praticamente categórica nesse contexto. Na posição pós-tônica, a realização de uma seqüência de vogais com hiato dá origem a uma palavra proparoxítone.

Esse padrão acentual é marcado em português, o que pode explicar a forte preferência pelo ditongo em palavras como *história* e *cárie*, por exemplo. As variantes *eu*, *ui*, *iu* e *eo* podem selecionar dados que variam, potencialmente, entre a realização com ditongo crescente (*r[ju]nir*, *c[wi]dar*, *c[ju]mento* e *pr[ju]cupado*, para *reunir*, *cuidar*, *ciumento* e *preocupado*), com hiato (*r[eu]nir*, *c[ui]dar*, *c[iu]mento* e *pr[eo]cupado*) ou, ainda, com ditongo decrescente (*r[ew]nir*, *c[u]jdar*, *c[iw]mento* e *pr[ew]cupado*). Tendo em vista que a última possibilidade de realização não faz parte de nosso objeto de pesquisa, os dados que assim se realizaram foram descartados.

No que se refere à variável *configuração prosódica*, as sílabas entre parênteses indicam opcionalidade. A presença de possíveis ataques complexos ou de codas não está representada. Além disso, a possível ausência de ataque, como em *ambiente*, também não está representada.

Não são objeto de análise desta pesquisa as seqüências *qua*, *quo* e *gua*, como em *quando*, *quociente* e *guaraná*, pois, nesses casos, conforme Bisol (1999), a realização é sempre com um ditongo crescente, não havendo a variação cuja análise constitui o objeto desta pesquisa. Além disso, seqüências de três segmentos vocálicos, como em *padroeira* e *meio*, não foram consideradas.

2 Dados em que o segundo elemento da seqüência de vogais é uma vogal média-baixa, como em *fiel*, foram amalgamados com as vogais médias-altas correspondentes, em função de seu número muito pouco expressivo.

Não há hipóteses específicas para as variáveis independentes lingüísticas. A principal razão para isso é a falta de pesquisas sobre o tema. Encontramos apoio para a presença da variável *velocidade da fala* em Callou e Leite (2000), segundo as quais o ritmo e a velocidade de fala podem ser condicionantes da variação entre ditongo crescente e hiato. Cabré e Prieto (2004), em seu estudo sobre o catalão, forneceram indícios de que a configuração prosódica desempenha um papel relevante na realização de seqüências de segmentos vocálicos.

As demais variáveis buscam contemplar aspectos fonológicos que podem ter influência sobre a variação em análise, como os tipos de segmentos envolvidos (tanto as vogais em foco quanto o contexto precedente) e a estrutura das sílabas que contêm a seqüência de segmentos. Buscamos verificar o papel da morfologia por meio da variável *classe de vocábulo*. A presença de fronteira morfológica entre as duas vogais, embora possa ser um aspecto interessante para a análise, não constituiu uma variável no presente trabalho.

RESULTADOS

O pacote de programas Varbrul selecionou as seguintes variáveis como estatisticamente relevantes para a variação entre ditongo crescente e hiato: *configuração prosódica*, *ataque de sílaba 1*, *velocidade da fala*, *seqüência de segmentos vocálicos* e *sexo*. Os pesos relativos presentes nas tabelas revelam a influência de cada fator na realização do processo em análise. Pesos relativos em torno de 0,50, o ponto neutro, revelam fatores que nem favorecem nem desfavorecem a realização com ditongo. Pesos relativos acima do ponto neutro revelam fatores favorecedores da realização com ditongo, enquanto pesos relativos abaixo do ponto neutro revelam fatores que desfavorecem essa realização. O *input* e a significância obtidos na análise estatística foram de 0,62 e 0,03, respectivamente.

A Tabela 1 mostra os resultados obtidos para a variável *configuração prosódica*. Como se pode observar, os contextos mais desfavorecedores da realização com ditongo, os quatro primeiros, são aqueles em que a seqüência de vogais encontra-se no início da palavra. A mesma coisa ocorre em catalão, conforme a análise de Cabré e Prieto (2004). De acordo com Cabré e Prieto (2004, p. 121), “a grande proeminência fonológica da posição de início de palavra [...] impede a ocorrência da formação do glide neste contexto”. É interessante observar que o fato de a segunda vogal da seqüência ser ou não acentuada não parece ter relevância para a preferência por uma ou outra realização.

Encontramos configurações em que a segunda vogal da seqüência é acentuada tanto no grupo das configurações que claramente desfavorecem a realização com ditongo, caso de CVV ∇ CV(CV), quanto no grupo daquelas que claramente favorecem tal realização, caso de CVCVCVCVV ∇ .

A Tabela 2 mostra os resultados da variável *ataque de sílaba 1*. Como é possível observar, o fator *sem ataque*, como em *oeste*, não está incluído na tabela. A pequena quantidade de dados com essa configuração (duas ocorrências de *uísque* e uma ocorrência de *ioiô*, *oeste* e *européu*) obrigou-nos a retirá-los do estudo para que a análise estatística não fosse prejudicada pela grande desproporção entre os fatores. O que se destaca nessa tabela é o fato de que líquidas em ataque complexo desfavorecem fortemente a formação do ditongo.

Tabela 1 – Configuração prosódica

	Apl./Total	%	Peso relativo
CVV▼ (<i>criar</i>)	15/82	18	0,10
CVVCVCV▼(CV) (<i>realidade</i>)	7/18	39	0,19
CVV▼CV(CV) (<i>doente</i>)	99/377	26	0,25
CVVCV▼(CV)(CV) (<i>viagem</i>)	87/157	55	0,36
CVCVV▼CV(CV) (<i>chuleando</i>)	132/230	57	0,43
CVCVCVCVV▼CV (<i>intermediária</i>)	11/15	73	0,49
CVCVCVV▼CV(CV) (<i>deficiência</i>)	87/117	74	0,59
CVCVV▼ (<i>social</i>)	216/259	83	0,65
CVCVCVV▼ (<i>material</i>)	106/124	85	0,80
CVCVCVCVV▼ (<i>existencial</i>)	17/19	89	0,85
CVCVVCV▼(CV) (<i>vereadores</i>)	93/106	88	0,87
CVCVVCVCV▼(CV) (<i>recreacionista</i>)	14/16	88	0,88
CVCVCVVCV▼(CV) (<i>policimento</i>)	42/43	98	0,95
Total	926/1.563	59	

Tabela 2 – Ataque de sílaba 1

	Apl./Total	%	Peso relativo
Líquida em ataque complexo (<i>industrial</i>)	22/229	10	0,11
Líquida (<i>interior</i>)	173/268	65	0,48
Nasal (<i>continuação</i>)	43/62	69	0,50
Oclusiva (<i>ambiente</i>)	252/430	59	0,57
Fricativa (<i>viagem</i>)	436/574	76	0,66
Total	926/1.563	59	

Esse resultado parece ser facilmente explicado pelo tipo de sílaba que seria criada com a formação do ditongo nesse contexto. Em uma palavra como *industrial*, por exemplo, a última sílaba teria um ataque com três segmentos se houvesse a formação do ditongo (*indus[tʃj]al*), em conformidade com o pressuposto de que o glide do ditongo crescente faz parte do ataque da sílaba. Trata-se de uma estrutura bastante marcada e evitada nas línguas do mundo.

Além disso, é interessante destacarmos o fato de que os resultados seguem a escala de sonoridade, ao menos uma escala mais ampla em que oclusivas e fricativas pertencem juntas à categoria de obstruintes. A relação estabelecida seria a de que quanto menor é o grau de sonoridade de um segmento, mais ele favorece a formação do ditongo. Bonilha (2004), ao discutir as seqüências *kw* e *gw*, faz referência à hipótese de que haja forças atuando no sentido de que se mantenha uma máxima distância de sonoridade no interior do ataque complexo.

Embora a autora tenha como referencial teórico a Teoria da Otimidade, analise os ditongos decrescentes e acredite que os glides pós-vocálicos façam parte do núcleo de uma sílaba, este “princípio” poderia explicar os resultados mostrados na Tabela 2, no sentido de que segmentos com menor grau de sonoridade permitem que, na seqüência, exista um glide em função de que uma distância grande de sonoridade já está garantida pela sonoridade intrínseca aos segmentos envolvidos, ao contrário do que ocorre com segmentos que tenham sonoridade próxima à dos glides, caso das líquidas e da nasal.

Na Tabela 3, constam os resultados obtidos pela variável *velocidade da fala*. Conforme o esperado, essa variável foi selecionada como significativa para o fenômeno em estudo. Segundo Collischonn (2002, p. 214), “estudos experimentais têm mostrado que um aumento na velocidade da fala resulta em [...] mudanças na estrutura silábica, gerando ressilabações”. A redução no número de sílabas em uma palavra produzida com um ditongo, em oposição a um hiato, parece justificar, portanto, o favorecimento do ditongo na velocidade de fala acelerada, como mostram os dados da Tabela 3.

Tabela 3 – Velocidade da fala

	Apl./Total	%	Peso relativo
Normal	883/1503	59	0,49
Acelerada	43/60	72	0,76
Total	926/1.563	59	

A Tabela 4 refere-se à quarta variável selecionada: *seqüência de segmentos vocálicos*. Antes de analisarmos os resultados, é importante destacarmos a grande desproporção entre os dados dos diferentes fatores. O fator com maior quantidade de dados é a seqüência *ia*, com 576 dados, enquanto o fator *eu*, aquele com menos dados, possui apenas 11 produções. Essa desproporção talvez explique algumas inversões entre as porcentagens e os pesos relativos. Mesmo assim, algumas observações podem ser extraídas dos resultados.

Tabela 4 – Seqüência de segmentos vocálicos

	Apl./Total	%	Peso relativo
eo (<i>campeonato</i>)	1/15	7	0,02
iu (<i>ciúmes</i>)	5/23	22	0,15
eu (<i>reunião</i>)	1/11	9	0,15
ue (<i>influência</i>)	4/10	40	0,26
ua (<i>situação</i>)	76/108	70	0,32
ui (<i>poluição</i>)	19/87	22	0,33
oe (<i>poesia</i>)	27/71	38	0,43
ia (<i>criança</i>)	305/576	53	0,52
ie (<i>viemos</i>)	95/140	68	0,56
oa (<i>enjoava</i>)	171/205	83	0,57
io (<i>piolho</i>)	112/159	70	0,58
ea (<i>realista</i>)	110/158	70	0,64
Total	926/1.563	59	

Conforme mencionamos anteriormente, fizeram parte do *corpus* palavras com seqüências de segmentos vocálicos em que o primeiro segmento fosse alto ou médio e desacentuado. A literatura mostra que vogais médias desacentuadas podem ser elevadas em português. Em razão dessa possibilidade, não eliminamos da pesquisa os dados em que vogais médias ocupam o primeiro elemento da seqüência de vogais. Após acontecer a possível elevação, nada há, em princípio, que impeça a formação do ditongo crescente, como podemos observar na alternância *pass[ea]ar ~ pass[ia]r ~ pass[ja]r*.

Os resultados da Tabela 4 desconfirmam a possível hipótese de que vogais médias na primeira posição da seqüência de segmentos vocálicos impedem ou desfavorecem, sistematicamente, a formação do ditongo crescente, tendo em vista que podemos observar encontros com vogais médias na primeira posição tanto entre os fatores que desfavorecem (como *eo* e *eu*) quanto entre os fatores que favorecem a formação do ditongo (como *oa* e *ea*).

Além de fazer menção à hipótese de que haja forças atuando no sentido de permitir uma máxima distância de sonoridade no interior do ataque complexo, Bonilha (2004) também se refere a forças atuando no sentido de permitir uma

máxima distância de sonoridade entre ataque e núcleo. Os resultados da Tabela 4 apontam para o fato de que há uma preferência pelo ditongo quando o segundo segmento da seqüência de vogais é uma vogal baixa. A exceção é a seqüência *ua*, mas podemos observar que a porcentagem de realização com ditongo dessa seqüência é de 70%. Como afirmamos anteriormente, a inversão entre as porcentagens e o peso relativo talvez se deva à desproporção entre a quantidade de dados de cada fator.

Entre as vogais, a sonoridade é crescente em uma escala que vai das vogais altas para a vogal baixa. Isso significa que a vogal baixa é a que possui maior grau de sonoridade e pode, a partir do “princípio” de máxima distância de sonoridade entre ataque e núcleo, permitir a formação do ditongo. Ditongos cujo segundo segmento tem uma vogal com menor grau de sonoridade não permitem a distância de sonoridade requerida pelo “princípio”, o que torna o hiato a melhor opção nesses casos. Dessa forma, é possível explicar por que seqüências com o mesmo grau de sonoridade, caso de *ui* e *iu*, desfavorecem a formação do ditongo.

A última variável selecionada foi *sexo*. Apesar de essa variável ter sido selecionada como relevante pela análise estatística, os dois fatores encontram-se muito próximos do ponto neutro para que possamos chegar a alguma conclusão a partir dos resultados descritos na Tabela 5.

Tabela 5 – Velocidade da fala

	Apl./Total	%	Peso relativo
Masculino	496/749	66	0,54
Feminino	430/814	53	0,46
Total	926/1.563	59	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação entre ditongo crescente e hiato, no português de Porto Alegre (RS), mostrou-se condicionada, principalmente, por variáveis lingüísticas. As variáveis lingüísticas que se mostraram estatisticamente significativas foram configuração prosódica, ataque de sílaba 1, velocidade da fala e seqüência de segmentos vocálicos. No que diz respeito aos tipos de configuração prosódica, os contextos que se mostraram menos favorecedores da realização com ditongo foram aqueles em que a seqüência de segmentos vocálicos encontra-se no início da palavra, independentemente da localização do acento. Contextos pós-vocálicos não fizeram parte da análise estatística por acreditarmos que, nesse contexto, a realização com ditongo é praticamente categórica.

Nas variáveis *ataque de sílaba 1* e *seqüência de segmentos vocálicos* foi possível observar a influência do grau de sonoridade dos segmentos envolvidos, pois parece haver uma tendência a que o ditongo seja favorecido nos contextos em que os segmentos permitem uma grande distância de sonoridade, seja quando o ataque da sílaba 1 possui menor grau de sonoridade (caso das obstruintes),

seja quando a segunda vogal da seqüência possui maior grau de sonoridade (caso da vogal baixa). Foi constatado também que a velocidade de fala acelera a favorece a realização de ditongo porque esta propicia uma diminuição no número de sílabas de uma palavra.

Por fim, a única variável extralingüística selecionada foi *sexo*, mas os pesos relativos obtidos não nos permitiram chegar a nenhuma conclusão interessante sobre sua influência na realização do fenômeno.

REFERÊNCIAS

BAYLEY, R. The quantitative paradigm. In: CHAMBERS, J. R.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002. p. 117-141.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. (Novos estudos, v. VII).

BONILHA, G. F. G. *A aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Lingüística Aplicada, 2004.

CABRÉ, T.; PRIETO, P. Prosodic and analogical effects in lexical glide formation in Catalan. *Probus*, n. 16, p. 113-150, 2004.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. p. 205-230.

LOPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. Thesis (PhD) – University of California, Los Angeles, 1979.

SIMIONI, Taise. The variation between rising diphthong and hiatus in Porto Alegre (RS). *Todas as Letras* (São Paulo), volume 10, n. 1, p. 130-138, 2008.

Abstract: *This article analyzes the variation between rising diphthong and hiatus in Brazilian Portuguese. For that, 24 spoken interviews from Porto Alegre (RS) were analyzed. A statistical analysis allowed to check the influence of linguistic and extralinguistic variables in the realization of this phenomenon. Worth of mention is the influence of the variable "prosodic configuration", which was the first to be selected by the statistical software.*

Keywords: *Rising diphthong; hiatus; variation.*